

De Corpo e Alma

Dos filmes à vida real. As confissões da estrela de filmes para adultos que conquistou o mundo.

Erica Fontes

CAPÍTULO 1

Se o sexo fosse como nos filmes, eu nunca teria um orgasmo. Mas só descobri isso naquele sábado.

Enfiar na mala tudo o que tinha no roupeiro e que achei que podia ser considerado *sexy*. Mas não era muita coisa. Tinha festejado os meus 18 anos há 23 dias e nunca tinha sido muito de usar vestidos, quanto mais vestidos decotados ou justos. Andava sempre de calças de ganga ou de calções e *t-shirts*. Nem sequer tinha um par de meias de liga. Escolhi três conjuntos de *lingerie*: a preta com renda, a branca básica, de algodão, e a vermelha sintética, brilhante.

Chegámos a Benfica alguns minutos antes da hora combinada. Procurei a morada que tinha apontado na minha agenda cor-de-rosa. Estacionámos do outro lado da rua e fiquei sentada no carro, no lugar do pendura, com os joelhos encostados, a olhar para o prédio.

Suspirei algumas vezes e o meu namorado desligou o rádio. Ainda só estávamos a 6 de Junho mas já fazia calor. Naquele momento, as gotas de suor que sentia na nuca tanto podiam ser provocadas pelo sol que aquecia os vidros e a chapa do carro às duas da tarde, como pela minha ansiedade.

Fui a primeira a abrir a porta do carro, com um falso ar de segurança e soube-me bem a brisa de ar fresco que me agitou os cabelos compridos. Tinha-os secado depois do banho, mas sem grande preocupação, porque sabia que me iriam pentear. Também não pus maquilhagem. Só o creme anti-olheiras, que se torna um bom amigo quando se tem uma pele tão clara como a minha.

Atravessámos a estrada de mão dada, eu a arrastar o meu pequeno *trolley*. Ele com um saco de desporto onde havia pelo menos dois fatos completos, camisas e gravatas. À porta do prédio, em vez de me largar

a mão, pousou o saco no chão para conseguir tocar à campainha. Havia uma placa que confirmava que estávamos no sítio certo. “Clínica dentária.” Contei os segundos. Um, dois, três, quatro, cinco... dez. Ninguém respondeu, mas o trinco soltou-se com um *clang* ruidoso.

A porta da clínica estava encostada, e assim que a empurrámos vimos um rosto conhecido, redondo e moreno. Óscar, o realizador. Estendeu-nos a mão para nos cumprimentar, com o seu ar sorridente, e mandou-nos entrar e sentar na sala de espera. Percebemos que ainda estavam a montar a iluminação na assoalhada ao lado. O consultório estava todo por nossa conta. Alugado por um dia só para filmarmos.

A sala de espera tinha impressões de quadros famosos nas paredes, uma mesa cheia de revistas e quatro sofás beges. Num deles estava sentada uma rapariga atraente, de cabelos escuros, de 20 e poucos anos, rodeada de pequenas bolsas coloridas. Sorriu e apresentou-se. A Natacha era a maquilhadora e também se estreava a trabalhar num filme pornográfico. No entanto, percebia-se que já tinha visto uns quantos e agradeceu a ajuda para escolher a roupa. Remexemos na mala e espalhámos as peças sobre os sofás. Vestidos com botões não, dão muito trabalho. Apertados na cintura também não, porque são difíceis de despir. Muito tapados, nem pensar. Optámos por um vestido verde justo, caicai, muito curto, que usei com um cinto e uns sapatos pretos de salto alto. Os preferidos do meu namorado.

Ela era simpática e faladora, felizmente. Eu era muito mais reservada. Perguntou-me o nome. Supus logo que fosse o profissional, porque era um assunto que me tinha ocupado bastante os pensamentos durante a última semana. Tinha acontecido tudo tão depressa.

– Sempre gostei de Erica, mas não sabia que apelido escolher. Mas ontem no centro, na Praça da Alegria...

– Enquanto estacionava o carro, estávamos a falar sobre os nomes e eu olhei para o jardim e disse-lhe: Fontes! – interrompeu-me o meu namorado.

– Sim, e eu achei que soava bem – acrescentei.

– E soa – disse ela. Depois voltou-se para ele – E tu, que nome é que vais usar?

– Não faço ideia...

Tinha tudo acontecido mesmo muito depressa.

Ela agarrou no computador portátil, onde tinha estado a ouvir música, e começou a pesquisar nomes. O Óscar ia entrando e saindo da sala, carregado com cabos, e também foi dando sugestões. Logo na lista da letra “A”, toda a gente gostou de Ângelo. A partir daí, começámos a lançar sobrenomes para o ar, à procura de trocadilhos: “Longo”, “Grande”, “Forte”, “Firme”...

– Ferro – atirou a Natacha com um ar maroto.

– É giro. E é menos óbvio, amor – comentei.

Foi assim, na sala de espera de um consultório de dentista, que nasceram e foram baptizados Erica Fontes e Ângelo Ferro, actores de filmes para adultos.

Entre o escolher a roupa, fazer a maquilhagem – a Natacha pôs-me um bocadinho de preto nos olhos, mas a ideia era parecer muito natural – e esticar o cabelo passaram duas horas. Tinha três borbulhas no braço esquerdo e também pedi para ela as tapar. No resto do corpo, passei um creme hidratante gordo, para a pele ficar sedosa e uniforme. É um truque que continuo a usar.

Quando o produtor, um trintão alto e grisalho, de calças creme e camisa branca, veio ter connosco para verificar os guiões, já passava das 17h. A Natacha tinha ido embora e a sala estava muito mais silenciosa. O Ângelo folheava uma revista de programação televisiva e eu estava a escrever na minha agenda: *Filmagem O Diário Sexual de Maria*.

A actriz que dava nome ao filme já tinha chegado, mas era ainda mais calada do que eu. Estava sentada no canto oposto ao nosso, agarrada ao telemóvel. Maria era uma trintona loura, magra e bonita, com o cabelo encaracolado. Nunca soube o nome verdadeiro dela, nem nunca mais a vi.

Neste filme, Maria era uma mulher com uma vida secreta, que escrevia no seu diário “Sou louca por sexo! Gosto de foder e adoro dominar, mas acima de tudo gosto de ver.” Já tinham sido filmadas várias cenas noutros locais. Numa vivenda com piscina, onde supostamente vivia Maria, que se masturbava enquanto observava uma amiga a ter sexo com um homem no seu quarto. A mesma amiga que, entretanto,

seduzia outra mulher na piscina, numa cena de sexo oral, dentro e fora de água. Também tinham filmado num pinhal, para onde Maria pedia ao motorista que a levasse, para depois o convencer a terem sexo sobre o *capot* e na bagageira. Claro que, na altura, eu não sabia o que é que já tinham gravado.

Na cena que nos foi pedida, descobria-se que Maria era dentista e que tinha uma assistente ainda mais ninfomaniaca do que ela: eu. O Ângelo era o cliente. E embora a história comesse com a Maria a receber o paciente, a estrela da cena de sexo era eu. A minha primeira vez.

– Prontos? Vamos começar – gritou o Óscar de dentro da sala, sem sotaque a denunciar que se trata de um mexicano com sangue português, que vive em Lisboa.

O Ângelo estava bonito. De calças e camisa cinzentas e uma gravata prateada. Olhou para mim, deitou-me a língua de fora, mais num trejeito nervoso do que provocador, e bateu à porta. A Maria, de bata branca e cabelo apanhado num rabo-de-cavalo, levantou-se da secretária, mandou-o entrar e fechou a porta atrás dele. Eu fiquei na sala de espera sozinha e nervosíssima. Não era o filmar. Era não saber o que teria de fazer nem se o conseguiria fazer bem feito. No filme, o início da cena só dura quatro minutos, mas eu tenho a certeza de que esperei mais de meia hora.

– Venha cá! – ouvi gritar.

Abriram a porta e eu entrei na sala, enquanto a Maria saía. O consultório estava apinhado, com os três holofotes e o produtor e o assistente encostados a uma parede, de braços cruzados. O Óscar dirigia e filmava. Não parou. Com o meu vestidinho verde completamente coberto pela bata branca, não me sentia muito *sexy*, mas entrei na sala com o melhor gingar que consegui.

Olhei para o Ângelo, deitado na cadeira de dentista, sob uma luz forte, com um ar muito desconfortável. Era suposto eu vir tirar-lhe uma radiografia aos dentes. Lutei um bocadinho com a máquina de raios X, até lha conseguir encostar à cara. Quando me debrucei para ajeitar melhor aquele braço mecânico comprido, suspenso sobre a cadeira, beijei o Ângelo. Ele estava quente, com a boca seca. Um ar assustado.

Estávamos ambos de olhos fechados, envolvidos, o meu beijo a tentar acalmá-lo, e a resultar, quando me sobressaltei com o realizador a pedir-me para tirar o cabelo do rosto. Não tinha pensado nisso. O Ângelo, sem parar de me beijar ou sequer abrir os olhos, afastou-me o cabelo da face esquerda e manteve-o preso na palma da mão, enquanto me agarrava suavemente a cabeça.

Ele continuava deitado e eu debruçada. Desapertei-lhe mais a gravata e tirei-lha. Quando comecei a abrir-lhe a camisa, senti as mãos do Ângelo a levantar-me a bata e o vestido. Acariciou-me as coxas e as nádegas. Baixou o caicai só o suficiente para me beijar e lambe as mamas. Num movimento, puxou-me a bata e desceu-me mais o vestido.

De trás da câmara o Óscar, baixo e gordinho, ia-nos sugerindo o que devíamos fazer: “Abre-lhe a braguilha.” O assistente, um homem de cerca de 40 anos que eu nunca tinha visto, pouco falava. Ia apenas ajeitando as luzes montadas no cubículo. Fazia muito calor e o peito do Ângelo estava ligeiramente húmido. O cheiro dele era familiar, naquela sala branca e impessoal, cheia de móveis assépticos e cartazes com esquemas dentários.

Eu pus a mão dentro das calças do fato, sem as baixar, inclinei-me mais e enfi o pénis na boca. Ele cresceu instantaneamente. As minhas mãos tremiam um bocado. Estava a tentar esquecer que estava mais gente na sala quando tirei o *soutien* e deixei cair o vestido. Enquanto o Ângelo me beijava o corpo todo, o Óscar pediu para eu lhe baixar as calças e me pôr de cócoras. Foi nessa posição, só com as cuecas pretas de fio dental e os sapatos de camurça preta, com debruado dourado, que lhe continuei a fazer sexo oral. Sentia a câmara a focar-se no meu rabo e a subir pelas minhas costas até se concentrar no vaivém da minha boca. Com a mão acariciei-lhe os testículos. Com a língua brinquei com a glândula. Mas o Ângelo não estava tão reactivo como o habitual.

– Vamos mudar de sala – disse o Óscar, enquanto caminhava de costas, sempre a filmar, em direcção à porta.

Eu levantei-me, agarrei na mão do Ângelo e puxei-o atrás de mim. A câmara parou, finalmente. Mas não houve nenhum “Corta”.

Tinha acabado o 12.º ano com boas notas. Eu e o Ângelo morávamos juntos há menos de um ano e eu estava a pensar inscrever-me num curso de Estética. Se não tivéssemos entrado naquele café, na Costa da Caparica, em Maio de 2009, hoje talvez eu estivesse a trabalhar num salão, a fazer depilações.

Mas, por acaso, naquela tarde de fim-de-semana, estávamos a beber Coca-Cola e a folhear o jornal quando parámos num artigo sobre uma produtora de filmes para adultos que estava a surgir em Portugal. Já tínhamos visto filmes porno juntos. E gostávamos. Se calhar, já alguma vez tinha dito que podia ser gira a profissão de actriz pornográfica. Mas não acordei uma manhã a pensar que era isso que eu queria fazer na vida. O que aconteceu foi muito mais casual. Depois de lermos a notícia, tivemos curiosidade em ir ver o *site* da produtora.

Foi a primeira coisa que fizemos quando chegámos a casa. Sentámo-nos no sofá preto da sala, encostado à parede onde tínhamos colado o papel de parede com a cidade de Nova Iorque a preto e branco. O Ângelo sentou-se com a perna direita dobrada sob o corpo, como é tão habitual nele, e pegou no portátil.

– Olha, amor, vão fazer um *casting*. “A Hot procura mulheres e homens portugueses para participarem num novo e aliciante projecto de produções para adultos de qualidade *soft* e *hard*”...

– O quê? – perguntei. Tinha-me distraído, à procura do comando da televisão.

– Porno a sério ou coisas mais suaves – disse o Ângelo, e continuou a ler. – “Se tens entre 18 e 30 anos, orgulho no teu corpo, és livre de preconceitos e procuras um rendimento acima da média preenche o seguinte formulário de inscrição.”

Sorri e fiz beicinho *sexy* enquanto empinava o peito.

– Eu já tenho 18 – comentei.

– Como é que achas que isto funciona?

Estava a usar só uma *t-shirt* branca, justa, que realçava a minha magreza. Senti um arrepio de frio. Levantei-me para ir fechar a porta de

correr da varanda, ali ao lado. Ajeitei os cortinados cinzentos transparentes. E arrisquei:

– Podíamos enviar as fotos, só para ver...

– A sério? – hesitou o Ângelo.

Ele estava mais reticente do que eu. Eu achava a ideia ousada e excitante. Não custava nada mandar as fotos. Podia ser que nunca nos respondessem. Podia ser que nós nunca respondêssemos se, por acaso, nos respondessem. Podia ser que fosse giro. E eu não tinha nada para fazer.

Fui buscar a máquina fotográfica ao quarto e regressiei à sala com os nossos fatos de banho na mão. Tirámos fotos de cara um ao outro. Depois, o Ângelo pousou a máquina na mesa da sala, seleccionou o temporizador e tirámos uma juntos, de corpo inteiro, com a roupa normal. Ou melhor, tirámos várias. Repetimos o processo comigo enfiada no meu biquíni preferido, cor-de-rosa, de atar ao pescoço, e o Ângelo nuns calção de banho azuis que lhe tapavam meia perna.

Ele descarregou as fotos para o computador, abrimo-las e escolhemos as nossas preferidas. Discordámos na de rosto. Eu gostava de uma em que o Ângelo estava mais risonho e ele preferia uma mais sério. Ele deixou-me ganhar a discussão. Juntou as fotos ao formulário que preenchemos com os nossos dados pessoais e características físicas. E foi assim que nos inscrevemos, nesse mesmo dia, como casal.

– Agora já está, já não dá para voltar atrás – disse ele assim que carregou no botão “Enviar”.

Uma hora depois o telemóvel tocou.

Fui à casa de banho pentear o cabelo enquanto esperávamos que montassem as luzes na sala de espera. Quando regressiei, o Ângelo estava sentado num sofá de canto, afastado do brilho e do calor dos projectores. Tinha puxado as calças para cima, mas não as tinha abotoado. Eu conseguia ver, pela falta de enchumação sob os *boxers* pretos, que ele estava a aproveitar para descansar.

Cássio, o produtor, explicou-nos que agora sim, íamos passar à parte da penetração. A ideia era irmos mudando de posição, utilizando os sofás. Tirei as cuecas pretas de fio dental devagar, à frente do Ângelo, olhando-o nos olhos. Quando lhe baixei as calças e as cuecas até meio da perna, senti que tinha tido algum efeito. E continuei a tocar-lhe no pénis, ao de leve, brincalhona, até a câmara voltar a ser ligada.

Escolhi o sofá maior, de quatro lugares, para me sentar. Recostei-me e o Ângelo abriu-me as pernas e elevou-me os joelhos. Fiquei completamente exposta para a câmara, mas quando ele começou a acariciar e a lambe-me o clítoris, eu estava surpreendentemente muito mais descontraída do que durante os preliminares.

Ele enfiou-me dois dedos na vagina e movimentou-os, para dentro e para fora, com força, antes de me pôr esses dedos na boca. Eu lambi-me. Era o meu sabor, um pouco amargo. Agora que eu estava visivelmente húmida, o Ângelo sentou-se no sofá e eu sentei-me em cima dele, cara a cara. Esperei que o Óscar se posicionasse atrás das minhas costas, entre os joelhos do Ângelo, agarrei-lhe no pénis e enfiei-o devagar dentro de mim. Fiquei a subir e a descer sobre ele, mudando de ritmo, até o Ângelo perceber que eu já estava cansada das pernas, agarrar em mim em braços, virar-me e pôr-me de quatro no sofá. Empinei o rabo, como via nos filmes. Não era o mais agradável, mas sabia que ficava bonito.

O Ângelo aguentou, sem cortes, mais umas três posições, durante mais de 20 minutos. Os nossos corpos suavam, por causa da napa dos sofás, e por causa do suor a napa estava cada vez mais escorregadia e húmida. O Óscar ia-se mexendo, mudando de ângulo consoante achava melhor. Finalmente, disse que já tinha o que era preciso e que o Ângelo podia ejacular. Para aumentar o efeito, sugeri que ele o fizesse na minha cara. Acocorei-me à frente dele, de boca aberta, enquanto ele se masturbava. E não demorou muito.

Ainda hoje sinto sempre um alívio quando a cena termina.

«Conseguí», pensei.

Agarrei no roupão que estava preparado para nós e fui para a casa de banho. Olhei para o espelho e reparei que estava um bocado despen-teada. Ajeitei as madeixas e entrei no chuveiro.

Ouvi o Ângelo a entrar. Virei-me e ele estava nu, a libertar-se do roupão. Entrou no chuveiro também, e sem querer roçou com a coxa dele na minha. Eu ri-me. Ele riu-se também, numa espécie de explosão de nervos. Não tínhamos trocado uma única palavra durante toda a cena.

No carro, a caminho de casa, estávamos bem-dispostos. Toda a gente disse que tinha corrido bem. Eu tinha estado à vontade. O Ângelo não tinha fraquejado. Tínhamos recebido o valor combinado.

Nessa noite fizemos amor, na cama, confortáveis. Estávamos ambos excitados. O simples toque dos lençóis de algodão brancos, no meu corpo, fazia-me estremecer. E era bem melhor estar deitada do que curvada num sofá. O Ângelo penetrou-me, ao seu ritmo, sem pressão, até se vir dentro de mim. Ficou lá dentro um bocado. A sentir as minhas contracções vaginais. Eu subi o lençol para lhe cobrir as costas a ele e a mim os ombros. Sou muito friorenta. Ele levantou-se para ir buscar água e quando regressou, segundos depois, saltou para a cama e destapou-me. Eu queixei-me.

– Já te aqueço – prometeu ele, e começou a beijar-me o umbigo. Eu ri-me e agitei-me. Ele aproveitou para me agarrar o clítoris com os lábios. A boca dele estava fresca, da água, e tive um calafrio localizado, lá em baixo. A língua dele conhece bem os meus recantos. Menos ponta da língua do que para a câmara e mais trabalho de sorver e lambe. É assim que ele me faz vir. E quando eu estava mesmo, mesmo a explodir, as pernas a contraírem-se e o ventre a contorcer-se de prazer, ocorreu-me que talvez não tivesse fingido bem durante a cena. O Óscar estava sempre a dizer-me para gemer, mas eu nunca fui de fazer muito barulho.